

O GPS DA MINHA VIDA PROFISSIONAL: HISTÓRIAS E APRENDIZADOS NA GEOGRAFIA

MELO, Alice Castro de ¹
FONSECA, Elaine Lima da ²

RESUMO: Este relato tem como objetivo descrever minhas vivências e está dividido em seções que abordam minhas percepções ao longo da trajetória profissional. Na primeira parte, falo sobre minha infância, período em que comecei a reconhecer o espaço ao meu redor e a me identificar com o lugar onde residia. Na segunda parte, relato momentos significativos da graduação, destacando o processo de construção e aperfeiçoamento na formação como futura professora de Geografia. Por fim, descrevo minha experiência durante a pandemia de Covid-19, quando iniciei minha jornada como professora recém-formada. O relato busca destacar a importância de ressignificar nossas experiências em sala de aula e compartilhar esses momentos com colegas de profissão.

PALAVRAS-CHAVE: educação. geografia. métodos de aprendizagem. vivências pedagógicas.

ABSTRACT: This report aims to describe my experiences and is divided into blocks that address my perceptions throughout my professional career. In the first part, I talk about my childhood, a period in which I began to consider the space around me and identify with the place where I lived. In the second part, I report important moments of graduation, highlighting the process of construction and improvement in training as a future Geography teacher. Finally, I describe my experience during the Covid-19 pandemic, when I began my journey as a newly qualified teacher. The report seeks to highlight the importance of giving new meaning to our experiences in the classroom and sharing these moments with professional colleagues.

KEYWORDS: education. geography. learning methods. pedagogical experiences.

¹ Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Rede em Ensino da Geografia – PROFGEO no IFRO, *Campus* Cacoal, alicecastro81@gmail.com.

² Formação/atuação profissional: Docente no Programa de Mestrado Profissional em Rede em Ensino da Geografia – PROFGEO, IFRO *Campus* Cacoal, elaine.fonseca@ifro.edu.br.

Este trabalho apresenta minha trajetória pessoal e profissional na área da Geografia, organizada em diferentes etapas. Inicialmente, abordo a história dos meus pais e alguns relatos sobre minha infância em Porto Velho, incluindo o percurso escolar e as instituições de ensino pelas quais passei.

Em seguida, descrevo a nova visão geográfica que se desenvolveu ao longo de minha formação, um olhar atento ao espaço e às características que nele ocorreram, permitindo não apenas interpretá-los, mas também admirá-los. Nessa etapa, compartilho minha jornada acadêmica, destacando as vivências teóricas e práticas adquiridas durante o curso de Geografia.

Por fim, relato minha experiência ao ingressar na docência e aplicar esse conhecimento na escola. No entanto, o meu primeiro contrato coincidiu com o período da pandemia, exigindo adaptação ao ensino remoto e a utilização de metodologias ativas para garantir a aprendizagem dos alunos.

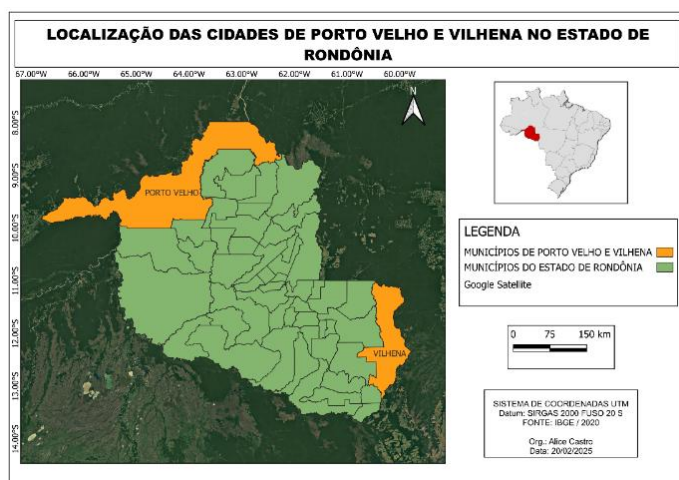
Os objetivos deste relato são descrever essas vivências ao longo do tempo, destacando a importância das memórias e experiências na construção da minha identidade pessoal e profissional. Além disso, busco refletir sobre minhas metodologias de ensino e a influência do meu próprio processo de aprendizagem na minha formação como docente.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida de forma descritiva e exploratória, estruturada como um relato de experiência. Nela, apresento minha trajetória desde os anos como aluna no ensino básico até minha atuação como professora de Geografia no ensino fundamental e médio, evidenciando meu olhar profissional na educação.

O estudo destaca meu percurso na escola pública e minha formação profissional em Porto Velho, além dos primeiros passos como docente na cidade de Vilhena, ambas localizadas no estado de Rondônia (Figura 01). A coleta de dados foi baseada na história de vida, considerando os momentos vividos nesses locais. Essa abordagem se mostra adequada, pois, na Geografia, o conceito de lugar envolve interações sociais e histórias compartilhadas por aqueles que habitam esses espaços.

Figura 01. Mapa de localização.



Fonte: elaborado pelo autor, 2025.

A pesquisa fundamenta-se em autores como Krawczyk (2001), que discute a etapa da juventude no ensino médio, e Freitas e Pacífico (2020), que abordam a necessidade de adaptações à realidade dos alunos, considerando a singularidade de cada escola e sua localização. Por fim, Libâneo (2006) reforça a influência das condições socioeconômicas e políticas no processo de aprendizagem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A MINHA HISTÓRIA

Sou filha de migrantes: minha mãe, do Amazonas, e meu pai, do Maranhão. Eles se conheceram, construíram sua vida no interior amazonense e, motivados pela promessa de um “Novo Eldorado”, migraram para Porto Velho, Rondônia. Cresci com meus seis irmãos nessa cidade, em um lar repleto de desafios, mas também de amor e memórias afetivas.

Nossa casa, onde ainda vive meus pais e alguns irmãos, é um símbolo dessa trajetória, e meu pai nunca cogitou vendê-la, valorizando o apego dos filhos ao lugar onde foram criados, localizada na zona sul dessa cidade.

Minha infância foi marcada por brincadeiras na rua sem asfalto, pela falta frequente de energia e pela imaginação alimentada por histórias e lendas. Estudei em escolas públicas desde a alfabetização, iniciado num centro comunitário no bairro Caladinho, que mais tarde se tornou a Escola Pequenos Talentos. No ensino

fundamental, permaneci por nove anos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Vicente Rondon, nas proximidades da minha casa, passando por diversas transformações, inclusive a mudança temporária para um novo prédio devido às reformas promovidas como compensação da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio.

O desenvolvimento da região onde cresci despertou meu interesse pelo estudo do espaço geográfico, impulsionado pelos professores que me ensinaram a analisar paisagens e processos geopolíticos. Além dos estudos, participei de projetos esportivos, como o Segundo Tempo e o Mais Educação, que me proporcionaram experiências no vôlei, xadrez, handebol e futsal, além de me afastar de influências negativas.

O ensino médio foi outro marco importante. Iniciei essa fase na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Bento da Costa, conhecida pelo seu alto nível e pelo projeto voltado ao ingresso na universidade. O percurso esforço e dedicação, especialmente ao enfrentar a recuperação em algumas disciplinas, o que me fez aprimorar hábitos de estudo. Nem todos os colegas seguiram adiante, mas essa caminhada consolidou minha paixão pela educação e me preparou para desafios maiores.

Hoje, ao olhar para trás, vejo que cada experiência – desde as dificuldades no deslocamento para a escola até as oportunidades proporcionadas pela educação pública – moldou minha trajetória e me levou ao caminho que escolhi seguir.

A NOVA GEOGRAFIA

Após receber as notas do ENEM, comparei as notas de corte e analisei as notas curriculares para escolher um curso alinhado às minhas habilidades. Optei por Geografia na UNIR, que na época de licenciatura e bacharelado ao longo de cinco anos.

Ingressei em 2013 no curso de Geografia na instituição e minha turma nesse ano havia pessoas de faixas etárias diferentes, o que me trouxe surpresa pelo envolvimento de outros colegas em continuar estudando ao longo do tempo. Nos primeiros anos, predominavam aulas teóricas, e ainda guardo materiais como mapas e fotocópias.

Eventos acadêmicos, como congressos e semanas acadêmicas, foram essenciais na minha formação, incentivando meu interesse por pesquisa, metodologias e formação continuada. No primeiro período, um professor nos pediu para “esquecer” a Geografia escolar, pois a abordagem universitária era diferente. No entanto, a minha escolha pelo curso foi influenciada pelo bom ensino que tive no ensino básico, reforçando a importância dos professores na minha trajetória.

No entanto, percebo que a geografia que estudamos na escola é bem diferente da que se estuda na universidade. Nesta última, aprendemos a ciência geográfica em sua totalidade, desde as suas bases até os conceitos mais avançados.

Assim, uma segunda alfabetização agora na geografia iniciou, porém, foi como uma visita aos bastidores daquilo que via nos livros didáticos, dos fragmentos de textos sobre as temáticas básicas. Com isso, a visão crítica daquilo que rodeia meu cotidiano e meios de expressar saberes se expandiram e olhar sobre o espaço me fascinou.

Em algumas visitas técnicas, uma em especial motivou a minha mudança de cidade após formada, na disciplina de Geografia Agrária no terceiro período nosso professor organizou uma viagem à campo para a cidade de Vilhena, visitamos a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA com seus campos experimentais, o Instituto Federal de Rondônia – IFRO no campus de Colorado do Oeste, participamos de uma reunião da Comissão Pastoral da Terra – CPT e visitamos propriedades da agricultura familiar para aprofundar os conhecimentos sobre o espaço agrário do nosso estado assim como a sua distribuição na região administrativa conhecida como Cone Sul do estado de Rondônia. De fato, essa visita incentivou minha mudança devido a organização da cidade, o bom planejamento e a população.

Durante o curso, os programas de pesquisa e formação continuada foram amplamente divulgados, o que me motivou a atuar como bolsista de monitoramento, auxiliando outros alunos. Percebo a diferença entre os docentes e seu compromisso em formar novos professores, contrastando com minha experiência escolar tradicional, baseada na memorização e pouca crítica.

A importância das aulas práticas ficou evidente após a teoria. Meus professores incentivaram essa integração, e eu aproveitei ao máximo, anotando, elaborando relatórios e aprimorando meu trabalho com críticas construtivas e trocas com colegas.

Nos últimos períodos, pausei o curso para me tornar mãe, retornando para desenvolver o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A pesquisa surgiu ao observar, do coletivo, a chuva sobre a cidade, especialmente na área do Cemitério dos Inocentes. Questionei se a água escoava sem tratamento para o igarapé³ da bacia hidrográfica local e investiguei a situação com base nos conhecimentos adquiridos na graduação.

O FAZER PEDAGÓGICO E A PANDEMIA DA COVID-19

A Lei nº 13.415/2017 incluiu o ensino médio na educação básica, ampliando a carga horária de 800 para 1.000 horas anuais, com melhorias previstas até 2022. Esse aumento reflete o crescimento da demanda por escolarização.

No entanto, os debates sobre a identidade do ensino médio tornam os desafios ainda maiores. Além do acesso e da permanência, os educadores enfrentam dificuldades relacionadas aos conteúdos envolvidos e à infraestrutura escolar.

Outro problema é a evasão escolar, que tem aumentado nos últimos anos. A falta de motivação compromete a continuidade dos estudos e a qualidade da aprendizagem, tornando essencial a busca por estratégias que incentivem os alunos a permanecerem na escola.

Segundo Krawczyk (2011) o jovem perde muito rapidamente o entusiasmo pelos estudos no ensino médio, passando por cada etapa e confrontando-se com dois universos: o ingresso na universidade e o desejo de trabalhar.

A pandemia da Covid-19 pegou professores e alunos de surpresa, ampliando os desafios educacionais. O isolamento forçou uma adaptação urgente, enquanto os educadores buscavam soluções para um cenário incerto.

Após dois anos, a atualização profissional tornou-se essencial, mas a exclusão digital revelou-se um grande obstáculo. Muitos alunos não tinham acesso à internet de qualidade, dispositivos adequados ou conhecimentos básicos de informática para usar o *Classroom*, plataforma formalizada pela Secretaria Estadual de Educação (SEDUC).

Recém-formada e iniciando minha carreira, utilizei meus conhecimentos em plataformas digitais para auxiliar os alunos. No início, era requisitada quase 24 horas por dia, mas organizando horários de atendimento, incluindo o período noturno, para

³ Representa um nome popular de um corpo d'água na Amazônia

apoiar aqueles que trabalhavam, garantindo maior segurança no uso das ferramentas digitais.

Gostaria de ressaltar que o ensino a distância é uma prática de ensino-aprendizagem em vigor há alguns anos no Brasil, conforme assegurado pelo artigo 80 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Esta lei nomeia o órgão público responsável pelo desenvolvimento de programas de ensino a distância e pelo incentivo à prática dessa modalidade de ensino. Importa destacar que tal regulamentação não se restringe apenas à educação dos níveis básicos, incluindo também o nível superior. (BRASIL, 1996)

Com base nas diretrizes estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a SEDUC, em colaboração com o Projeto de Ensino Médio com Mediação Tecnológica do Estado, proporcionou-nos um direcionamento para a elaboração de nossas aulas, utilizando a plataforma digital do YouTube como recurso didático de consulta para os alunos.

Esse esforço auxiliou em diversos momentos nas aulas que ministrei para os alunos do ensino médio nas salas virtuais da plataforma *Classroom*. A Secretaria, por sua vez, disponibilizou e incentivou o uso do amplo material desenvolvido para os alunos da mediação tecnológica, o qual foi expandido para atender a um novo público. Durante o auge da pandemia, com a incerteza sobre o fim desse período, esse material foi essencial para garantir a continuidade do ensino.

Como professora, aproveitei essa perspectiva do ensino a distância e assim como outros professores me beneficiei desse modelo para atualização nos meios digitais que vão desde os saberes básicos da informática aos mais avançados com foco na edição de vídeos, fotos e formulação de jogos educativos. Além da busca por cursos formativos para gerar tais atividades e demonstra ainda a importância da formação continuada dos profissionais da educação.

Durante esse período, aprendi a editar vídeos, a aplicar gamificação em programas como *PowerPoint* e *Google Forms*, e elaborar atividades avaliativas com apoio dessas ferramentas. As formações continuadas no âmbito digital foram por mim bem aproveitadas, e continuo utilizando esses métodos em minhas aulas.

No trabalho desenvolvido em home office obtivemos acesso a reuniões pedagógicas, oficinas, formação continuada nas áreas específicas e na utilização de

aplicativos na produção de aulas mais lúdicas e com metodologias ativas, o que favoreceu a reunião de todos os profissionais de várias áreas de ensino do Estado. Nos primeiros encontros, poucos profissionais da educação tinham conhecimento sobre a utilização de plataformas digitais como o *Zoom*, o *Google Meet* dentre outras.

Naquele momento, essa era a nossa condição, muitas dificuldades, dúvidas e angústias. Contudo, as trocas de experiências foram contínuas, amparos mútuos para seguirmos o trajeto e aos poucos fomos nos habituando à nova realidade.

Assim, como enfatiza Freitas e Pacífico (2020, p. 147), “Cada escola é única, visto que atende a uma clientela específica, faz parte de um contexto social de uma determinada região e apresenta características próprias”. Dessa forma, um plano de ação deve ser personalidade para cada realidade de acordo com as necessidades daquela comunidade escolar.

Portanto, disponibilizei meus contatos pessoais e redes sociais, além de criar um canal no YouTube para compartilhar vídeos gravados e realizar lives em dias específicos. Organizei, também, uma aula com colegas de graduação sobre os impactos das usinas hidrelétricas.

Em outra ocasião, durante um sábado letivo, sugeri o tema da aula, relacionado à minha área de pesquisa na graduação, sobre os impactos do cemitério. Esse tema foi escolhido devido ao fato de o cemitério estar localizado dentro da cidade e continuar em pleno funcionamento naquele momento de pandemia.

Delimitamos os temas em conjunto com os professores de História e Geografia. Os colegas da área de História aprofundaram-se no contexto histórico da presença do cemitério na cidade, realizando uma comparação com a realidade daquele momento.

Já os professores de Geografia abordaram os impactos ambientais da estrutura do cemitério em relação ao ambiente ao redor, além de esclarecer as etapas permitidas para o licenciamento ambiental de um novo cemitério, desde sua implantação até seu funcionamento.

Segundo Libâneo (2006, p.24) que descreve “[...] as condições sociais, políticas e econômicas existentes influenciam decisivamente o processo de ensino e aprendizagem” nesse panorâmica ficou evidente de forma escancarada as condições sociais inseridas dos nossos alunos, o que é básico para alguns era um luxo para outros. Vir esforços de muitos em persistir no caminho e outros desistirem para suprir as necessidades da família e ir trabalhar.

Após seis anos de pandemia, fica aparente ainda a falta de educação digital dos alunos e o interesse em desenvolver essas habilidades, num mundo globalizado em que vivemos é essencial o entendimento básico da tecnologia para o cotidiano e o mundo do trabalho. A pandemia possibilitou esse momento de atualização de ambos os protagonistas da educação como aluno e equipe pedagógica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minhas vivências ao longo da trajetória profissional foram essenciais para formar a professora que sou hoje. Desde cedo, tracei um objetivo claro: alcançar sucesso pessoal por meio dos estudos. Com o apoio das pessoas ao meu redor, continuo cumprindo metas tanto de curto quanto de longo prazo.

No entanto, essa determinação muitas vezes encontra barreiras nas limitações estruturais das escolas. Ainda assim, como uma profissional criativa que busca soluções além do convencional, faço o melhor com os recursos disponíveis. Não pretendo romantizar essa realidade, mas reconheço minha persistência em seguir firme na educação, sempre buscando o melhor com o que tenho à disposição.

As formações continuadas representam oportunidades valiosas para a troca de experiências entre colegas. Nesses momentos, absorvo novos conhecimentos que aplico em sala de aula, ao mesmo tempo em que compartilho minhas próprias vivências, enriquecendo as discussões pedagógicas.

Ao refletir sobre o início da minha carreira, especialmente durante a pandemia, percebo o impacto profundo dessa fase. Tornei-me uma professora mais atenta ao bem-estar dos alunos, incentivando-os a questionar, persistir e resolver problemas. Meu objetivo é prepará-los para enfrentar desafios além da escola, capacitando-os a perseguir e realizar seus sonhos.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa de Mestrado Profissional em Rede em Ensino da Geografia (PROFGEO) situado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia *campus* Cacoal (IFRO) e da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC).

REFERÊNCIAS

BRASIL, 1996. **Lei Nº9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso: 20 de novembro de 2021.

BRASIL, 2018. **Resolução Nº4, de 17 de dezembro de 2018.** Institui a Base Nacional Comum Curricular na Etapa do Ensino Médio (BNCC-EM), como etapa final da Educação Básica, nos termos do artigo 35 da LDB, completando o conjunto constituído pela BNCC da Educação infantil e do Ensino Fundamental, com base na Resolução CNE/CP nº2/2017, fundamentada no Parecer CNE/CP Nº 15/2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/104101-rcp004-18/file>. Acesso: 23 de novembro de 2021.

FREITAS, Sirley Leite; PACÍFICO, Juracy Machado. **Formação continuada: um estudo colaborativo com professores do Ensino Médio de Rondônia.** Revista Interações, Campo Grande - MS, v. 21, n.1, p. 141-153, jan./mar. 2020
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/mKyFS8yfpmkLbFDwffYnbzL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 22 de novembro de 2021.

RONDÔNIA. **Projeto de Lei (PL) 424 de 14 de junho de 2012.** Institui o projeto de ensino médio com mediação tecnológica no âmbito da secretaria de Estado de Educação e dá outras providências. 2016. Disponível em: <http://ditel.casacivil.ro.gov.br/cotel/Livros/Files/L3846.pdf>. Acesso em: 20 de novembro de 2021.

RONDÔNIA. **Decreto Nº 24.887, de 20 de março de 2020.** Declara Estado de Calamidade Pública em todo o território do Estado de Rondônia, para fins de prevenção e enfrentamento à pandemia causada pelo novo Coronavírus - COVID-19 e revogado Decreto nº 24.871, de 16 de março de 2020. Palácio do Governo do Estado de Rondônia, 20 de março de 2020. Disponível em: <https://rondonia.ro.gov.br/wp-content/uploads/2020/03/DECRETO-DE-CALAMIDADE-P%C3%A9BLICA.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2020.

KRAWCZYK, Nora. **Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje.** 752 V.41 N.144 SET./DEZ. 2011. São Paulo: Ação Educativa, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/mq5QhqMxcsdJ9KfDZjqLmtG>. Acesso: 27 de novembro de 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** Editora Cortez, São Paulo, SP, 2006 (p. 24-26)
Disponível em: https://www.professorrenato.com/attachments/article/161/Didatica%20Jose-carlos-libaneo_obra.pdf. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA RONDÔNIA. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Media%C3%A7%C3%A3oTecnol%C3%B3gicaRond%C3%B4nia/featured> Acesso: 19 de novembro de 2021

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** ed. 5 - São Paulo: Atlas, 2003.